

ANEXO II - RESUMO EXPANDIDO

O SEGMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS MUSEUS

Apresentação Oral

Este texto se propõe a refletir sobre a presença do segmento da educação infantil em casas de cultura, como museus e centros culturais, e o tipo de atendimento oferecido a esse público. Em que momento as crianças visitam esses espaços com as instituições de educação infantil? Por que os professores realizam essas visitas com as crianças? O que acontece no momento da visita? Como as Instituições se preparam para receber esse segmento? Quais os significados atribuídos à visita pelos sujeitos envolvidos? Existem políticas de incentivo ao acesso do público infantil? O que se pode dizer sobre a relação dessas instituições a partir da observação das visitas escolares?

Para a realização da pesquisa, foram selecionados dois espaços considerados ícones para a cidade do Rio de Janeiro: um museu e um centro cultural¹. Apesar das diferenças e especificidades, tal escolha decorreu também de aproximações que as Instituições apresentam e que considere importantes para efetivação da investigação: possuem um Setor Educativo que oferece regularmente um atendimento ao público escolar; são estabelecimentos públicos, embora com vinculações administrativas distintas; localizam-se no centro da cidade com facilidades para transporte coletivo (metrô e ônibus), apresentam arquitetura similar; dentre outras questões.

Cabe esclarecer que não foi realizado um estudo comparativo, pois, apesar das aproximações, ou exatamente pelas especificidades, o material empírico do centro cultural, a diversidade e riqueza do espaço, a pluralidade das visitas, difere-se muito da coleta realizada no museu. Vale ressaltar, ainda, que o museu investigado é um espaço com enorme potencialidade, mas que, por razões diversas, passava por profundas reformulações no momento de realização da pesquisa.

Apesar de se constituir em um fenômeno recente, centros culturais são instituições que têm crescido muito nos últimos anos por todo o país, alguns com uma elevada frequência de público e, principalmente, grupos escolares, com vinculações administrativas e estruturas de atendimento ao público pouco conhecidas, mas que podem interferir nas políticas de atendimento oferecidas, o que despertou também o desejo de concretizar este estudo. Para Chagas (1998), todo museu é um centro cultural, mas nem todo centro cultural é um museu.

No trabalho de investigação, utilizei-me de técnicas de inspiração etnográfica, como a observação prolongada no campo, entrevistas (individuais e coletivas), análise documental, caderno de campo e fotografias.

Este estudo, portanto, focalizou o atendimento oferecido pelo Setor Educativo das instituições ao público escolar infantil de modo a interpretar como se dá a mediação com esse segmento da educação.

Criança menorzinha... ninguém merece!

As equipes responsáveis pelos Setores Educativos das instituições destacaram a escola como o público mais presente. No entanto, as preferências de atendimento aos diferentes grupos e faixas etárias acompanharam os depoimentos dos monitores: concepções de crianças, adolescentes, idosos, “grupos especiais” e segmentos de ensino apareceram em suas falas. A partir dessas preferências, foi possível constatar uma certa divisão de tarefas: “*não gosto mesmo de criança! Não atendo. Não sei o que podem fazer aqui. E não sei o que fazer com*

¹ Por razões de natureza ética, optei por omitir o nome das instituições e o contexto das exposições.

elas”; “*Eu sou meio envergonhada na hora de ser uma outra pessoa. Por isso não faço contação de história e não atendo criança*”.

Portanto, as equipes de monitores não só demonstraram, mas explicitaram dificuldades e alegrias em relação aos diferentes grupos escolares, esbarrando sempre em um ideal de visitante. Contudo, “*a falta de escuta por parte dos alunos*” foi enfatizada por quase todos, indicando que *o grupo desejado era o que escutava*. A comunicação, para alguns, só se dava pela escuta silenciosa de informações. Em certos momentos, os monitores colocavam-se em posição de “disputa” com as obras expostas e não compreendiam que a exposição, obviamente, despertava reações distintas em cada um, e não, necessariamente, “*dispersão*”, “*gracinha*” ou “*falta de escuta*”.

Sem dúvidas, dentre as dificuldades apontadas pelos integrantes dos Setores Educativos no atendimento ao público escolar, lidar com as crianças pequenas foi a mais recorrente, configurando-se, por vezes, como o mais indesejado dos visitantes. Para alguns monitores, esse segmento representava um grande desafio, e a incerteza de como realizar o trabalho imperava nas visitas. “*Criança menorzinha assim de 4, 5 anos, ninguém merece!*” Em geral, demonstraram uma concepção de criança que levava à crença na incapacidade desses sujeitos em aproveitar situações de aprendizagem diferenciadas, como a que se passa em um museu ou centro cultural.

O desconhecimento das especificidades da infância (Oliveira, 2002) se fez presente na maior parte das atividades propostas ao segmento da educação infantil. Por exemplo, os monitores declararam que “alguém” havia dito que deveriam realizar *exercícios de relaxamentos* com os grupos da educação infantil, pois as crianças chegavam muito agitadas e, em geral, essa era uma estratégia que se repetia, apesar de sinalizarem que, por vezes, “*nem isso dava certo*”, pois não sabiam utilizar “*palavras que fossem do entendimento das crianças pequenas*”. Por exemplo, grupos de 4/5 anos poderiam não responder diante da sugestão apresentada da seguinte forma pelos monitores: “*vamos fazer um exercício. Inspirem. Expirem*”; mas, se empolgavam e realizavam a atividade se a professora interferisse, sentasse no chão e, já realizando a atividade, falasse: “*Vamos lá gente! Vamos respirar juntos! Todo mundo! Soltem os braços, as pernas. Puxem o ar - inspirem. Soltem o ar - expirem*”.

Muitas vezes, as indagações trazidas pelas crianças desviavam-se da estratégia planejada pelo monitor diante de uma obra exposta e alguns, resistentes no início, acabavam estabelecendo uma relação muito próxima com as crianças, embora não percebessem a dimensão do trabalho realizado; outros, desde o início, adotavam uma linguagem “infantilizada” para a visita, o que, em alguns momentos, dificultava a interação. Snyders (2001) destaca que a especificidade da infância e sua valorização constituem dois temas estreitamente ligados:

“na medida em que se consegue pensar a infância como distinta, ou seja, compreendida no seu presente, é que ela deixa de aparecer como uma ausência em relação ao adulto. A moderna psicologia infantil formou-se demonstrando que a infância não se reduzia a ensaios preparatórios, mas que já constituía uma vida harmoniosa” (p. 30).

Historicamente, as crianças têm sido um segmento que tem ficado à margem das discussões, debates e pauta política (Didonet, 2003) e, apesar de algumas conquistas, a luta pelos direitos desse público continua. Os resultados da pesquisa assinalam o quanto a criança de 0 a 6 anos continua excluída de alguns campos, como o da área cultural, em decorrência de uma falta de políticas voltadas para a infância, da equivocada concepção de criança que norteia as ações, bem como emana da relação estabelecida entre instituições culturais e a escola.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Cristina. Criança menorzinha... ninguém merece! – políticas de infância em espaços culturais. In: KRAMER, Sonia & ROCHA, Eloísa Candal (orgs.). *Educação infantil: enfoques em diálogo*. São Paulo: Papyrus, 2011.

CHAGAS, M. “O museu-casa como problema: comunicação e educação em processo”. In: *Anais do Segundo Seminário sobre Museus-Casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.

DIDONET, V. “A importância da educação nos primeiros anos de vida”. In: *Simpósio Educação Infantil: construindo o presente*. Anais. UNESCO. 2003.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. *The educational role of the museum*. London: Routledge, 1999.

LEON, A. *El museo: teoría, praxis e utopia*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

OLIVEIRA, Z. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.

PINTO, M. & SARMENTO, M. (coord). *As crianças: contextos e identidades*. Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 1997.

SNYDERS, G. *Alunos felizes*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.